

Giornate di Spiritualità della Famiglia Salesiana

16 - 19 gennaio 2014

Uma espiritualidade que radica na missão

Ir. Piera Ruffinatto

À primeira vista, o tema que me foi confiado para esta breve intervenção desperta curiosidade. Com efeito, parece inverter a lógica com que costumamos pensar a relação contemplação/ação; consagração/missão.

De facto, a nossa percepção da realidade, condicionada por uma lógica linear e temporal, não nos facilita a sua compreensão, sendo esta dominada pela complexidade e pela contemporaneidade. Pelo contrário, a melhor abordagem parece ser a sistémica que interpreta a realidade observando as relações entre os elementos que a compõem e as transformações que se verificam no momento em que um dado elemento influencia outro e vice-versa.

Filtrar a espiritualidade e a missão de Dom Bosco com este novo paradigma de conhecimento, pode ajudar-nos a descobrir vínculos novos a oferecer aos homens e às mulheres do nosso tempo, que buscam um princípio unificador para a sua vida muitas vezes dispersa e fragmentada.

Mais, é também útil limpar o terreno de uma pré-compreensão ligada aos termos *espiritualidade e missão* como se um fosse antitético do outro. Na realidade, quando falamos de espiritualidade segundo uma visão cristã, entendemos referir-nos a um estilo de vida, a um modo de se pensar a si mesmo em relação a Deus, aos outros e ao mundo. Espiritualidade é o modo de compreender a sua própria vida dentro de um horizonte de sentido que nos supera e nos transcende. É um “ser” (=espiritualidade) que não se contrapõe ao “agir” (=missão), mas que, ao invés, o contém e o justifica. Este, acho eu, pode ser o horizonte em que a espiritualidade educativa de Dom Bosco encontra a sua melhor colocação.

No espaço desta breve intervenção não me será possível tratar a temática senão com breves acenos, simples pinceladas para esboçar um desenho cujos contornos têm dificuldade em definir, mesmo os especialistas. Com efeito, os estudiosos do Santo fazem notar como o aprofundamento na espiritualidade de Dom Bosco constitui uma tarefa que é tudo menos simples. Ele pode ser comparado a um mar profundo, fácil de navegar à superfície, mas cujos abismos permanecem ocultos a quem o vê de fora, deixando-se deslumbrar pela imponência das obras e não se esforçando por penetrar na sólida e profunda espiritualidade, a única que justifica a origem e o estilo das mesmas.

Com efeito, só partindo da relação de Dom Bosco com Deus é que ele pode ser compreendido, por pertencer à rara categoria de homens e de mulheres cujo agir na igreja e no mundo depende totalmente da sua radicação no eterno, da comunhão com Deus que dá estabilidade e consistência à sua vida.

Deus, afirma Pietro Stella, é o Sol meridiano que ilumina a vida de Dom Bosco, domina a sua mente, justifica a sua ação. Qualquer que seja o seu estado de ânimo, sente e contempla Deus Criador e Senhor, princípio e razão de tudo. Deus é o primeiro a ser apresentado aos jovens no opúsculo *Il Giovane Provveduto*, e aos adultos em *La chiave del Paradiso*.¹

O Deus de Dom Bosco é, antes de tudo e sobretudo, Pai, rico de misericórdia, preveniente e providente que nunca abandona os seus filhos. Dom Bosco é como que dominado pela certeza de ser amado e guiado pela ação divina, sentindo-se por isso instrumento do Senhor para uma missão que não é sua, mas vem do alto.

Aqui se encontra a ligação entre espiritualidade e missão, como que uma fusão, enquanto a *missão* – ser instrumento de Deus para a salvação da juventude – é para ele fonte de alegria e de alento, precisamente como foi para os profetas bíblicos que não podiam subtrair-se à vontade divina, não só por temor reverencial, mas também por estarem convencidos da bondade de Deus para com todos os seus filhos.²

A missão, assim entendida, torna-se o princípio unificante da vida porque concentra as energias afetivas, intelectivas e volitivas, e juntamente as forças físicas orientando-as para o ideal, isto é, para o cumprimento do projeto revelado. É este o significado estratégico do sonho dos nove anos, repetido por Dom Bosco nos momentos de viragem da vida e que assinala o seu termo quando, na Basilica del Sacro Cuore, em Roma, ele “compreende” o sentido profundo de todos os acontecimentos ocorridos na sua vida de pastor educador dos jovens.

O padre Miguel Rua, que do coração de Dom Bosco conheceu os movimentos mais profundos e contemplou a sua transparência e beleza, sintetizava tal experiência nestas palavras: «Dom Bosco não deu passo, não pronunciou palavra, nada empreendeu que não tivesse em vista a salvação dos jovens. Deixou que outros acumulassem tesouros, que outros buscassem prazeres e corresse atrás das honras. Dom Bosco realmente não teve a peito senão as almas, falou com os factos, não só com a palavra: *da mihi animas* ».³

O *da mihi animas* é, portanto, a respiração da vida de Dom Bosco, o cântico de fundo da sua oração contínua. Revela o seu estilo de relação com Deus, relação filial e familiar, pelo que é possível e imperioso não só falar *de* Deus, mas *com* Deus daquilo que tem mais a peito e a que Ele está intimamente ligado sendo seu Criador: a humanidade. E da humanidade, em particular, a porção especial que é a juventude.

Dentro da religiosidade dombosquiana, impregnada de fé e de confiança no Deus rico de misericórdia, a busca das almas exprime o desejo de ter as pessoas dos jovens não tanto para as dar a Deus, porque na realidade Ele já as possui, mas sobretudo para as tornar conscientes da sua identidade profunda de filhos de Deus, revelando a cada um o imenso amor de predileção com que Deus o ama. Mais do que *entregá-las* a Deus, fazer com que estas se *entreguem* a Ele na reciprocidade do amor.

1 Cf STELLA Pietro, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica* II. *Mentalità religiosa e spiritualità*, Roma, LAS 1981, 19.

2 Cf *ivi* 24-26.

3 Lettera di don Michele Rua ai Salesiani, 24 agosto 1894, citata in *Costituzioni SDB* art. 21.

Assim se explica o facto de, como muitas vezes afirmou Dom Bosco, sem religião a missão salesiana não pode realizar-se segundo a vontade de Deus. Com efeito, antes de ser iniciativa humana, a educação é obra da graça de Deus que, através dos sacramentos, regenera o jovem, de acordo com a sua inteira verdade, como pessoa a viver neste mundo, mas na espera da vida futura. A expressão “salvar as almas” só se compreende neste horizonte espiritual, em que a ação salvífica é sempre e só de Deus e toda a ação humana está ao serviço de tal projeto.

A opção de “de ter só a peito as almas” leva Dom Bosco a “dizer com os factos” e não apenas com palavras, *da mihi animas*, isto é, a incarnar a sua fé na vida, a espiritualidade na missão. Pensamentos, palavras, gestos, obras, tudo é orientado para a salvação dos jovens realizando uma ação unificadora e harmonizadora entre as dimensões do seu ser e exprimindo assim o aspeto místico da missão de que deriva, sem solução de continuidade, também o ascético: deixar que outros acumulem *tesouros*, busquem *prazeres*, corram atrás das *honras*.

Radicado na plenitude de ser de Deus, Dom Bosco ultrapassa os sinais do ter, do poder, do saber e do parecer que tanto fascínio exercem sobre aqueles que se deixam dominar pelo homem “velho”, para realçar o seu ser profundo habitado por Deus. Aprendeu do padre Cafasso, seu guia e mestre, que um homem apostólico, antes de *falar* de Deus ou de *fazer* coisas para Deus, *vive* para Deus. O seu é um *ser para* Ele, uma entrega total de si nas mãos d’Aquele no qual confia sem condições.

A confiança em Deus, a entrega a Ele é a lógica espiritual que impregna as *Memórias do Oratório*, um dos documentos autobiográficos mais preciosos de Dom Bosco, através do qual ele quis instruir os seus filhos sobre o modo de relacionar-se com Deus daqueles que se consagram ao bem dos jovens numa missão que é um autêntico ministério espiritual.

Para Dom Bosco, o verdadeiro salesiano cultiva este vínculo profundo com Deus na oração e manifesta-o exteriormente com a bondade, impregnando todas as suas ações do grande objetivo: a glória de Deus e a salvação das almas. É em força desta missão que tudo o resto se redimensiona, se torna como “lixo” a fim de ganhar os jovens para Cristo.

Aqueles que melhor compreenderam Dom Bosco são os que souberam penetrar no mistério desta unidade vocacional fundamento da espiritualidade salesiana. O padre Filipe Rinaldi, por exemplo, nota como Dom Bosco “uniu na máxima perfeição a sua atividade exterior, indefessa, absorvente, vastíssima, cheia de responsabilidade, com uma vida interior que teve início no sentido da presença de Deus e que, pouco a pouco, se tornou atual, persistente e viva de forma a tornar-se perfeita união com Deus. De tal modo realizou em si o estado mais perfeito que é a contemplação operante, o êxtase da ação, na qual se consagrou, até ao fim, com total serenidade, à salvação das almas».⁴

O êxtase da ação – feliz expressão depois retomada por Egídio Viganò – exprime esta unidade conseguida entre vida espiritual e apostólica que é a santidade e que se torna o fim, o conteúdo e o método do Sistema Preventivo. Dom Bosco revelava Deus aos jovens porque ele estava em Deus e aqueles que se aproximavam dele recebiam os benéficos influxos da sua pessoa toda mergulhada em Deus e simultaneamente presente junto deles com uma atenção cheia de bondade e de amor.

Com efeito, o “estar com Deus” daquele que vive o êxtase da ação não é fuga à realidade e aos seus problemas. Ao contrário, é viver habitualmente em Deus e n’Ele encontrar a mesma realidade a um nível mais alto e mais profundo a fim de a abarcar e transfigurar.

4 RINALDI Filippo, *Conferenze e scritti*, Leumann (Torino), Elledici 1990, 144.

É este, no meu entender, um dos significados da expressão com que a liturgia celebra a santidade de Dom Bosco, pastor de coração “grande como as praias do mar”. O seu coração, habitualmente fixo em Deus, estava também continuamente escancarado para os jovens como uma casa acolhedora em que eles encontravam o abraço de um pai, o olhar de um amigo, a palavra de um irmão.

Este coração, poderemos dizer, era o verdadeiro laboratório do Sistema Preventivo, o segredo do *e-ducere* salesiano, no sentido de que o contacto com a sua bondade e santidade acendia no coração dos jovens o desejo de ser melhores, enquanto, com o seu amor pedagógico, os despertava para a consciência da sua dignidade de filhos de Deus, criados para a comunhão e para o amor, e colocava as premissas para o amadu-recer de personalidades capazes de se empenhar no mundo com responsabilidade e solidariedade.

Poder-se-ia continuar longamente esta reflexão porque o coração de Dom Bosco é verdadeiramente um oceano insondável de inexauríveis riquezas. Acompanha-nos todavia a certeza de que ele, Pai e Fundador da nossa Família, continua a viver *por* nós e *conosco* o *da mihi animas* porque nesta oração feita vida está a garantia da autenticidade evangélica do carisma salesiano na Igreja, fonte inexaurível de identidade e de fecundidade para o salesiano na Igreja, nascente inexaurível de identidade e fecundidade para o salesiano e a salesiana de hoje.

O *da mihi animas* é um apelo a viver autenticamente a nossa vida unificando-a em torno do ideal da salvação dos jovens. Não é simplesmente dar alguma coisa de nós mesmos, uma parte do nosso tempo, os nossos saberes e talentos utilizando-os numa profissão educativa. Não é tanto “dar as nossas coisas”, quanto oferecer-nos a nós próprios a Deus para que Ele disponha de nós como quiser e, por meio de Maria, nos conduza no campo da *sua* missão.

O *da mihi animas* vivido nos factos, incarnado na vida, impede que nos tornemos burocratas da educação, dominados pelo pelo funcionamento e pelo eficientismo, e confere à missão salesiana a eficácia transformante das relações autênticas porque, hoje tal como ontem, só ilumina quem arde.

O *da mihi animas* é também princípio de conversão contínua, a mola secreta que impele a deixar aos outros a acumulação de tesouros, a busca de prazeres, a corrida às honras, a pôr de parte a hesitação e a mediocridade, para ser cada vez mais livre de viver a missão salesiana em sobriedade e temperança.

Finalmente, o *da mihi animas*, tornando-se princípio unificante da vida, preserva-nos da dispersão e confere solidez e profundidade à nossa espiritualidade ajudando-nos a canalizar as nossas forças para o ideal. A salvação dos jovens torna-se o objetivo da nossa vida, a nascente da qual brota um agir calmo, impregnado de paz e de serenidade, como a que brilhava com alegria no rosto de Dom Bosco. O *da mihi animas*, enquanto nos ajuda a descobrir o sentido do nosso agir, mostra-nos também o seu como. É um agir que brota do ser. Estar presentes a nós mesmos porque concentrados em Deus que nos habita; presentes aos outros – especialmente aos jovens – com atenção de respeito e de amor, de escuta profunda e de sincera benevolência; presentes à história porque nela se contempla o cumprir do agir providente de Deus.

Num mundo dominado por comunicações tão velozes como superficiais, expropriado da capacidade de atenção ao momento presente, sempre voltados como estamos para o futuro próximo ou remoto ditado pela agenda, o *da mihi animas* ajuda-nos a habitar o momento presente sabendo dar a prioridade ao que a merece. Se os jovens encontrarem em nós pessoas assim, procurarão refugiar-se menos em mundos virtuais para sentir o calor que falta nas suas casas vazias, porque terão finalmente encontrado uma casa, uma nova Valdocco habitada por pais e mães, amigos, irmãos e irmãs que moram onde eles se encontram, que os procuram nas suas “periferias existenciais”, vivem as suas cruces, levando-lhes o Evangelho da salvação, da bondade e da alegria.

É isto, de resto, que a Igreja, na pessoa do Santo Padre Francisco, pede a todos os cristãos e aos consagrados. É isto que deseja Dom Bosco, nosso Pai e Fundador, ao aproximar-se o bicentenário do seu nascimento: isto é, que ele possa renascer no coração dos seus filhos e filhas e, na sua vida oferecida a Deus pela salvação dos jovens, resplandecer para incendiar o mundo.